

# CRÔNICA NA SALA DE AULA: DA LEITURA À PRODUÇÃO DO GÊNERO NO ESTILO CARLOS FIALHO

José Milson dos Santos (IFRN)

milson.santos@ifrn.edu.br

## Introdução

Trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula tem sido uma realidade em muitas escolas do país. Já não se concebe mais a aula de língua portuguesa centrada na transmissão de regras gramaticais. A partir da publicação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – ganha força a concepção de que a abordagem dos conteúdos dessa disciplina deve partir do texto, o qual não deve ser usado apenas como pretexto para a realização de atividades gramaticais prescritivas. Assim, o aluno, além de ler, pode também dar vazão ao seu pensamento, ao seu modo de enxergar o mundo que o cerca, assumindo-se sujeito de seu próprio discurso, ao produzir seus próprios textos e divulgá-los. Em alguns casos, os gêneros ainda não recebem a abordagem recomendada, quando se prioriza, por exemplo, a forma ou a estrutura, em detrimento da questão enunciativa. Segundo Marcuschi (2006), a tendência atual é evitar a classificação e a postura estrutural, e observar o lado dinâmico, processual, social e interativo dos gêneros. Muitos projetos têm sido desenvolvidos sob esse enfoque enunciativo/discursivo, dentre os quais destacamos os projetos de leitura e produção textual com base nos módulos didáticos (LOPES-ROSSI, 2003; 2006), que têm apresentado bons resultados, tendo em vista a formação do leitor proficiente.

É com base nesse tipo de abordagem que apresentamos aqui o resultado de um trabalho desenvolvido em sala de aula de ensino médio com o gênero crônica. O trabalho está centrado no que prevê o projeto: leitura de vários exemplares, a fim de que os alunos se apropriem das características temáticas, discursivas e composicionais dos gêneros em estudo; produção escrita inicial, seguida de revisão colaborativa dos colegas e do professor até a versão final do texto; divulgação ao público, conforme as condições de circulação do gênero.

Neste artigo, faremos inicialmente considerações gerais a respeito dos gêneros do discurso/textuais, seguida de uma apresentação do gênero crônica. Teceremos, ainda, considerações teóricas a respeito da sequência e dos módulos didáticos. Em seguida, detalharemos como se deu o trabalho em sala de aula. Logo depois, analisaremos algumas produções dos alunos e apresentaremos as nossas considerações finais.

## 1. Os gêneros textuais

No decorrer do século passado, principalmente a partir dos estudos de Bakhtin (1997; 2002), a noção de gênero tem-se expandido para todos os textos que circulam em nossa sociedade. Não apenas os textos mais prestigiados da esfera literária, como o poema, o romance e o conto, por exemplo, mas também o artigo científico, a notícia, a reportagem, a charge, entre muitos outros, apresentam determinadas características – relativamente estáveis – que nos permitem identificá-los como pertencentes a um gênero específico que circula nos mais diversos campos da atividade humana. Assim, todos os textos, em qualquer modalidade, são inscritos num determinado gênero, até mesmo

aqueles que Bronckart (2003, p. 73) insere na “linguagem ordinária”, como a conversação, a exposição ou o relato de acontecimentos vividos. A estes, Bakhtin (1997) chama gêneros primários, reservando a denominação de gêneros secundários para os que exigem uma elaboração mais cuidadosa ou mais complexa, como os da esfera científica e os da esfera literária da comunicação, por exemplo, e que geralmente pertencem à modalidade escrita da língua. Não nos interessa, aqui, escrever um tratado sobre a questão dos gêneros, uma vez que já existe um vasto material na área a respeito disso, mas apenas fazer essas considerações gerais, a fim de nos concentrarmos no gênero específico do qual trataremos na seção seguinte.

### **1.1 O gênero crônica**

A crônica é um gênero textual que oscila entre duas esferas da comunicação – a jornalística e a literária. É filha do jornal, considerando-se que aí nasceu e se desenvolveu como folhetim, pequeno espaço nos jornais, destinado às amenidades, aos assuntos mais leves do cotidiano. Mais tarde ganhou roupagem literária, mesmo porque muitos cronistas eram também escritores consagrados em outros gêneros, considerados maiores na literatura, mas se renderam ao rés-do-chão. Além do mais, de início, muita obra literária era publicada mesmo no jornal.

Nosso objetivo, nessa seção, não é travar uma discussão mais profunda sobre as origens da crônica ou da esfera da comunicação a que ela pertença. O fato é que ela “tanto reúne características da esfera jornalística quanto da literária. Em alguns textos, acentuam-se mais as características de uma ou de outra.” (SANTOS, 2008, p. 69). Interessa-nos, porém, elencar as características básicas desse gênero de texto, com o qual trabalhamos na sala de aula.

A crônica registra o circunstancial, os acontecimentos do cotidiano, discute os temas do dia - dos mais simples, os quais poderiam passar despercebidos, aos mais graves e polêmicos, como os que envolvem a política e a economia do país. E o faz de forma bem descontraída, ao sabor de uma conversa com o leitor. Sua função não é informar, mas entreter o leitor e fazê-lo refletir sobre a vida e sobre nossas atitudes. É assim desde suas origens, a fim de aliviar o leitor do peso das notícias e das reportagens veiculadas nas páginas do jornal. Os temas que ela aborda são tratados com graça e leveza. O cronista se utiliza do humor e da ironia, características marcantes do gênero. A crônica pode, portanto, assumir vários tons: irônico, humorístico, crítico, como o faz o escritor potiguar Carlos Fialho; mas também lírico, reflexivo, como o fazia Rubem Braga e Rubem Alves, para citar apenas dois exemplos. Pode, ainda, vestir-se de uma boa prosa poética, como escrevia Paulo Mendes Campos.

Para dar esse grau de leveza, o cronista pode valer-se de uma linguagem mais simples, menos monitorada em alguns casos, distanciando-se um pouco da formalidade de gêneros jornalísticos como os editoriais e as reportagens, entre outros. Muitas vezes, o autor traz para o texto marcas da oralidade, como frases ouvidas na rua ou empregadas como bordões por certos personagens da televisão, ditados populares, expressões típicas da fala, gírias. Em outras palavras, podemos dizer que ele adota um estilo coloquial de linguagem. No que se refere, ainda, à linguagem, o cronista pode adotar, além de ágil e simples, um estilo poético. Seu estilo “[...] quer-se entre coloquial e literário.” (MOISÉS, 2003, p. 118). Assim, o cronista se vale da referencialidade da prosa jornalística, mas também explora, na vertente literária, as diferentes conotações das palavras, a polissemia da metáfora.

Outra característica que o cronista pode utilizar é a força criadora da fantasia (D’ONOFRIO, 1995, p. 123) na abordagem dos fatos cotidianos, na transformação da

realidade do dia a dia. Assim, muitas crônicas adotam a sequência textual narrativa como dominante. Pode ser que ele não narre nada, apenas comente, analise, reflita - e nos faça refletir - sobre os temas do dia, mas pode também elaborar uma narrativa, ilustrando o fato ou o tema com personagens e situações criadas, marcadas pelo dinamismo do discurso direto, a fim de tratar do assunto. Luís Fernando Veríssimo é um exemplo. É nesse sentido que se fala em crônica narrativa, que, nesse caso, aproxima-se do conto.

É possível, ainda, que o cronista se valha do lirismo e derrame toda sua subjetividade ao abordar o tema. Logo, podemos perceber que estamos diante de um gênero de muitas faces. A respeito disso, corroboram com nossa opinião, as palavras de Simon (2007, p. 19):

[...] enquanto existem crônicas idênticas ou praticamente iguais a contos, no que se refere a sua adesão à organização narrativa, outras abdicam do narrar, constituindo-se em comentários ou reflexões, com mais ou menos lirismo; além de uma terceira modalidade, bastante comum, composta por uma mescla de narrativa, comentário e lirismo.

## 1.2 O tom irônico, crítico e humorístico do cronista Carlos Fialho

Carlos Fialho é um escritor potiguar, nascido em Natal, em 1979. É formado em Jornalismo pela UFRN e em Publicidade e Propaganda pela Universidade Potiguar. Atua como publicitário na capital do Rio Grande do Norte. Escreveu, durante muito tempo, crônicas para o *Novo Jornal*, além de publicar no blogue <http://blogdofialho.wordpress.com>.

Suas crônicas são elaboradas, na maioria das vezes, com base no cotidiano natalense e são marcadas por uma boa dose de ironia e humor, características por meio das quais o autor faz a crítica a vários temas, como a política nacional e a potiguar. Um exemplo disso é a crônica *O candidato que diz a verdade*<sup>1</sup>, em que o autor critica, tomando como exemplo o deputado Fábio Faria (PSD-RN), os políticos que se aproveitam do cargo apenas para tirar proveito próprio, deixando de cumprir sua verdadeira função. Para exemplificar, vejamos um trecho:

*“[...] Não vou dar a mínima pelota pra secas, enchentes, fome ou miséria! Do povo, eu só quero duas coisas: voto e distância. É que a minha alma mesquinha, individualista, dominada por interesses vis e torpes, faz com que eu seja incapaz de fazer qualquer coisa que seja pelo bem de outras pessoas. A cada dia que passa, me preocupo menos com os outros, sobretudo nos que precisam de assistência. Não gosto de pessoas humildes, mas adoro mulheres bonitas, gostosas e famosas. Adoraria ser eleito Deputado Federal.*

*A verdade é que eu sou um nome mais que adequado para ocupar um cargo público de tal magnitude, preencho todos os requisitos necessários para ser um bom parlamentar do novo milênio e, chego a dizer, sou o protótipo perfeito de um político potiguar. Avaliem por si mesmos: sou egoísta, insensível, ganancioso e mulherengo. Quem, em sã consciência, não votaria em mim?*

*Encerro este texto, fazendo o último apelo. Na hora de escolher seu candidato a Deputado, vote naquele que não vai fazer porra nenhuma por você. Sendo mais específico, vote em mim. Pelo menos, você terá a certeza de que eu estou dizendo a verdade.”*

---

<sup>1</sup> Publicada no livro *Mano Celso: o rapper natalense* – pág. 87-88.

Em *Não basta ser playboy. Tem que ser DJ*<sup>2</sup>, o autor ironiza o comportamento dos jovens da elite de Natal, que querem sempre estar antenados com as festas, com a roupa da moda, preocupados com o culto ao corpo e outras futilidades, e que fazem de tudo para aparecer, para ostentar riqueza e prestígio social. Em *Galado*<sup>3</sup>, o escritor aborda o emprego constante dessa palavra e os múltiplos significados que ela assume ao ser utilizada na cidade de Natal e, até mesmo, em seu entorno. Assim, o leitor potiguar se identifica rapidamente com os temas tratados, com os personagens criados, porque também está inserido nesse contexto.

O verão e o veraneio nas praias potiguares, as atitudes das patricinhas, o mundo dos *playboys*, a ostentação e afetação do jornalista social *gay*, o político pilantra, a blogueira picareta a serviço de uma determinada facção política, o defensor ferrenho da legalização da maconha (militante maconheiro), o idoso metido a jovem, o casamento *gay* – nada escapa ao olhar atento e crítico do cronista. Como os temas são abordados de forma leve e humorística, o convite à leitura é dado como certo, pois é capaz de atrair qualquer leitor. Por isso, o escolhemos para integrar nossa lista de cronistas.

### 1.3 A sequência e os módulos didáticos

A sequência didática se constitui de uma série de atividades, desenvolvidas por meio de alguns módulos, a fim de que um determinado gênero seja trabalhado com uma turma de alunos. A primeira delas é a apresentação da situação, momento em que se expõe aos alunos o projeto de trabalho com um gênero específico. Em seguida, é feita a produção inicial, que permite ao professor avaliar as produções e fazer os ajustes necessários na etapa seguinte: os módulos. Por fim, realiza-se a produção final, com divulgação e circulação dos textos produzidos. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004)

Fazendo uma releitura dessa teoria, podemos adaptá-la à ideia de projetos pedagógicos, conforme Lopes-Rossi (2003), para o trabalho com a leitura e a produção escrita de um gênero. Acreditamos, assim como a autora, que é necessário começar com um módulo didático que proporcione aos alunos o contato com diversos exemplares do gênero em estudo, a fim de que eles se apropriem das características - temáticas, discursivas e composicionais - típicas desse gênero a ser produzido.

Assim, o trabalho com projetos didáticos contempla três etapas: leitura para apropriação das características típicas do gênero; produção escrita do gênero de acordo com as suas condições de produção; divulgação ao público de acordo com a forma típica de circulação do gênero. (LOPES-ROSSI – 2003; 2006).

## 2. Desenvolvendo o trabalho

O trabalho foi realizado com uma turma de 2º ano do ensino médio no IFRN – *Campus São Gonçalo do Amarante*. Para operacionalização das atividades específicas em sala de aula, procuramos desenvolver um projeto com módulos didáticos, conforme as três etapas já mencionadas na seção anterior.

Na etapa de conhecimento e leitura do gênero, selecionamos oito cronistas brasileiros cujas crônicas deveriam ser lidas pelos quarenta e dois alunos, divididos em oito grupos. A seleção dos autores se deu conforme o estilo de cada um. Pretendíamos colocar os alunos em contato com os mais diversos tipos de crônica que, como sabemos, é um gênero de muitas faces. Assim, para explorar o tom lírico, intimista, reflexivo, escalamos Rubem Braga e Rubem Alves. Para trabalhar um tom mais humorístico, com

---

<sup>2</sup> Publicada no livro de mesmo nome – pág. 09-14.

<sup>3</sup> Pode ser encontrada no livro *As maiores mentiras do verão* – pág. 22-24.

ênfase narrativa, escolhemos Luís Fernando Veríssimo e Fernando Sabino. A escritora Marta Medeiros foi selecionada para contribuir com um tom mais reflexivo sobre as relações pessoais, inclusive sobre a alma feminina. Para explorar o recurso da prosa poética, escalamos Paulo Mendes Campos, ao lado do escritor potiguar Nei Leandro de Castro, que, além do tom poético, traz à tona também as memórias, as lembranças, contemplando, assim, a crônica memorialista. E, para contemplar o tom irônico e crítico, acrescentamos à lista o jovem autor potiguar Carlos Fialho, que transita muito bem por essa área.

Cada grupo deveria ler as crônicas desses autores e, em data marcada, apresentar para a turma, algumas delas, selecionadas pelo próprio grupo. O contato com os referidos textos foi feito por meio de livros (distribuídos pelo professor, à disposição na biblioteca do *Campus*, comprados pelos alunos ou encontrados na *internet*). Ao apresentar para a classe, deveriam explorar as características do gênero crônica, principalmente com ênfase no estilo de cada autor. Para isso, o professor entregou aos estudantes, com antecedência, um roteiro com as instruções, a fim de que eles explorassem: a) os aspectos discursivos do gênero: Quem é o enunciador Carlos Fialho, por exemplo? Para quem ele escreve? b) os aspectos temáticos; c) e os composicionais: que forma de textualização é utilizada - a ênfase na narrativa, a prosa poética, o comentário, a sequência argumentativa como dominante, a mescla entre narrativa, comentário e lirismo?

Ao final de cada seminário, o grupo deveria apresentar uma crônica, de autoria própria e coletiva, escrita no mesmo estilo do autor que haviam estudado. Cada membro do grupo deveria, ainda, entregar a sua produção individual, também seguindo o mesmo estilo do cronista em estudo.

O objetivo da apresentação era que toda a turma tivesse contato com a obra de cada autor, com o maior número possível de exemplares do gênero e com a maior diversidade de estilos possível. Ao final de todos os seminários, cada aluno, além de escrever uma crônica, conforme o estilo de seu autor, deveria escolher, entre outros dois estilos apresentados por outro grupo, a fim de produzir uma segunda crônica. Ao final de todo o projeto, os textos seriam selecionados para integrar uma coletânea de crônicas a ser publicada pela editora do IFRN.

Neste artigo, abordaremos especificamente o trabalho desenvolvido com as crônicas do escritor Carlos Fialho, que adota um tom irônico, humorístico, por meio do qual faz a crítica, muitas vezes mordaz, da sociedade natalense e de outras questões do cotidiano em geral.

O grupo que trabalhou com as crônicas desse autor tomou como base os livros *Mano Cello: o rapper natalense*; *As maiores mentiras do verão*; e *Não basta ser payboy - tem que ser DJ*, além de crônicas encontradas no sítio Diginet.com.br, no sítio do *Novo Jornal* e no blogue do próprio autor. Os alunos selecionaram as seguintes crônicas para apresentar para a turma: *Galado*; *Pelo amor dos meus filhinhos*; *Pelada*, que trata das partidas de futebol nas praias potiguares, durante o veraneio; *O homem que não falava carnatalês*, em que o autor critica, de forma bem humorada, a realização do carnaval fora de época de Natal; *As maiores mentiras da humanidade*, em que o autor analisa, com muita graça, as mentiras que o ser humano usa no dia a dia, às vezes sem nem perceber que está mentindo; e *Eu vi o amor*, em que o cronista deixa aflorar seu lado lírico e reflexivo, inspirado em um casal que ele observa passeando sob a chuva.

Além dessas, o grupo indicou outras fontes em que a turma poderia encontrar mais crônicas de Carlos Fialho. Organizou, inclusive, um mural com fotos do autor, das capas dos livros dele e com várias crônicas selecionadas das fontes já citadas. Preparou também uma dinâmica para ser feita com a participação do escritor, que foi convidado

(e prontamente aceitou) a estar presente durante o seminário. Na data marcada, porém, o cronista não pôde estar presente, mas veio em data posterior e conversou longamente com a turma, além de avaliar os textos escritos pelos alunos.

A fase de produção escrita ocorreu, para o grupo que trabalhou com as crônicas de Carlos Fialho, logo após a leitura dos exemplares do gênero, uma vez que deveriam, já durante o seminário, apresentar a produção coletiva do grupo e entregar ao professor uma produção individual. Para os demais alunos, a produção da crônica seguindo o estilo desse autor, pôde ser feita após todos os seminários, quando tiveram a oportunidade de escolher o autor cujo estilo gostariam de seguir.

Vale salientar que o projeto previa que a produção de crônicas ocorresse sobre temas do cotidiano do próprio *campus* do IFRN. Durante essa etapa, houve a revisão colaborativa, em que os textos apresentados no seminário eram apreciados por toda a turma e pelo professor, que promoveu várias reescritas, a fim de que os textos realmente ganhassem as características do gênero. Nos momentos de CA – Centro de Aprendizagem –, além do professor, os próprios colegas liam os textos dos outros e sugeriam mudanças, além dos servidores citados nos textos, que também foram convidados a ler e a dizer se concordavam com o que fora escrito sobre eles.

A terceira etapa – divulgação ao público – foi feita por meio da publicação das crônicas em um blogue criado pela turma: [sujeito-autor.blogspot.com.br](http://sujeito-autor.blogspot.com.br), amplamente divulgado no *Campus*, nas redes sociais e em eventos como a Expotec – Exposição de Trabalhos Científicos e Culturais da instituição. Além disso, foi organizado um livro e enviado para a publicação pela editora do IFRN – conforme estava previsto desde o início do projeto.

### 3. Análise dos resultados

Passaremos agora à análise de algumas crônicas produzidas pelos alunos, adotando um tom irônico e humorístico e, conseqüentemente, crítico a respeito de temas do cotidiano do *Campus* São Gonçalo do Amarante. Para iniciar, vamos analisar a crônica *Ironias do IFRN*, da autoria de Vivyanne Moura, com colaboração dos colegas de seu grupo:

*E mais uma vez, todo mundo preparado para mais um gabinete itinerante, todos “entusiasmados” para ter uma conversa com aquele cara que vem uma vez ao ano. Como é o nome dele mesmo? Ah! Belquior! Belchior? Bel...? Bel me lembra Chiclete com Banana: “Eu vou voar, atrás desse amor, vou encontrar seja aonde for”. Ah, Chiclete acabou. Voltando. Esse evento é de grande importância para o Campus.*

*Alunos são liberados, funcionários param as atividades, os corredores ficam vazios, e Carlos Magno (vulgo Carlinhos faz tudo) já colocou todas as cadeiras no hall. Isso mesmo, no hall, mas o número de cadeiras é em vão, já que a maioria dos alunos prefere ir para casa. Auditório aqui só serve de almoxarifado. As obras foram paradas desde a “inauguração” do Campus, e de auditório só tem mesmo o nome na porta e um projeto de palco.*

*Mas não temos do que reclamar. Um gabinete itinerante no hall é muito melhor do que no segundo palco de eventos do IF - o refeitório, já que não somos sufocados pelo cheiro de comida e não teremos futuros problemas auditivos devido àquela caixa gigante que mais parece um paredão de racha de som.*

*Obras iniciadas, aquela esperança de ter mais livros de qualidade numa biblioteca “top internacional”. Porém, seguindo o mesmo caminho do auditório, temos*

*essa biblioteca que, desde os primórdios da nossa turma no IF, está sendo construída. Reza a lenda que é colocado um tijolo por dia e, à noite, são retirados dois.*

*Mas foi tudo pensado, no projeto foi decidido que a biblioteca teria uma ilusão de ótica. Ao olhar de frente, ela parece concluída, mas, ao ver a lateral, percebemos que ainda está pela metade. Um lembrete: se quiser ir ao banheiro, é bom você trazer o papel de casa, pois puniram os alunos por quererem transformar o banheiro no estádio La Bombonera, causando o corte inesperado do papel, deixando quem está com dor de barriga no desespero.*

*Mas nem tudo é tão mal. Nós temos o maior viveiro de tilápia e uma granja atrás da escola, que conta com várias árvores frutíferas, como cajueiros, mangueiras e coqueiros, sem esquecer das aves: o peru, a família de patos e as galinhas. Inclusive a mistura do almoço é o couro dessas aves. É só o couro mesmo, porque de frango só tem o nome. “Frango a passarinho”, olha que nome bonito! Mas assim que você corta o primeiro pedaço descobre que deveria se chamar “Osso de frango a passarinho” ou, até mesmo, “Couro de frango a passarinho”.*

*Já que estamos falando em almoço, nos tempos remotos do Campus nós podíamos estudar mineração ou geologia durante a refeição, pois podíamos encontrar diversos tipos de pedras, de tamanhos variados, inclusive dentro do feijão. Vai que as pedras eram pra fortalecer ou dar o gosto no feijão, vai saber! Tivemos até um aluno premiado, Thiago Pereira, que atingiu um recorde de 7 pedras encontradas em uma única refeição! Isso deveria entrar para o livro dos recordes.*

*A gente também pode contar com uma ótima qualidade de sucos, como por exemplo a balinha de abacaxi, que é um nome dado pelos alunos para o que deveria ser um suco, mas não passa de uma água com corante e cheiro. Também podemos encontrar essa água em diversos sabores, como acerola, tamarindo, goiaba, entre outros. O único que ainda pode ser considerado suco é o de manga, tem até consistência, acredite. [...]*

Podemos perceber claramente que a autora assume um tom deveras crítico ao falar dos problemas enfrentados pelos alunos no âmbito da instituição. Primeiramente, critica a falta de um auditório no *Campus* para a realização dos eventos. O próprio Gabinete Intinerante, evento em que o reitor visita o Instituto e se reúne com a comunidade escolar, é realizado no *hall* ou no refeitório, porque a construção do auditório se arrasta desde o início da construção do *campus* e nunca fica pronto.

Em seguida, o alvo da crítica é a biblioteca, cuja construção também permanece inacabada. No trecho “*uma biblioteca top internacional*”, a autora faz referência ao tão propalado discurso do diretor, que, para denotar padrão de qualidade, vivia alardeando que o *Campus* São Gonçalo era internacional. No caso, a cronista questiona essa qualidade, já que nem a biblioteca estava pronta, mesmo com o *campus* em funcionamento há alguns anos.

Logo depois, critica a falta de papel higiênico nos banheiros, a comida e o suco servidos no almoço, com direito, inclusive a pedras no feijão. Tudo isso feito, com fortes pitadas de ironia e de humor, como podemos notar ao final do 4º parágrafo e no início do 5º, quando ela fala da biblioteca. Percebe-se que a autora afirma para negar, e aí reside a ironia: “*Reza a lenda que é colocado um tijolo por dia e, à noite, são retirados dois. Mas foi tudo pensado, no projeto foi decidido que a biblioteca teria uma ilusão de ótica. Ao olhar de frente, ela parece concluída, mas, ao ver a lateral, percebemos que ainda está pela metade.*”

Além dos trechos em que podemos ressaltar a ironia, podemos afirmar também que a crítica é feita de forma bem humorada, como no sétimo parágrafo, por exemplo,

em que a cronista faz referência às pedras encontradas no feijão do almoço:[...] *Já que estamos falando em almoço, nos tempos remotos do Campus nós podíamos estudar mineração ou geologia durante a refeição[...]*

[...] *Vai que as pedras eram pra fortalecer ou dar o gosto no feijão, vai saber![...] Isso deveria entrar para o livro dos recordes. [...]*

Outra crônica que merece destaque é *Almoço? Tem X-frango!*, da autoria de Lorena Dias. Vejamos:

[...] *Chegada aquela hora tão esperada, fui pedir meu x-frango e ser feliz. Triste realidade a minha. Mal sabia eu que teria que esperar mais uma volta ao mundo para chegar até aquele apetitoso pão com frango. A hora do almoço do IF é sagrada! Quando é tocada a corneta, ao meio-dia, as portas são abertas e saia da frente ou você pode até ser pisoteado. O prêmio é pegar um lugar razoável na fila da cantina, ou na do refeitório. Ah, bem lembrado! Existe um refeitório neste Campus, mas não é fácil conseguir almoçar ali.[...]*

*Preparado para entrar no refeitório? Agora é só rezar para não encontrar algo estranho no seu prato. Já ouvi falar em muitos casos de alunos que chegaram a encontrar pedras, que daria para calçar a rua da minha casa. Ouvi até dizer que naquele feijão branco, aquele que sempre parece que é da semana anterior, talvez até da retrasada – não queira nem imaginar -, encontraram uma lagarta, que já tinha uma família inteira com ela. Tudo bem, nós conseguimos sobreviver, até ver que a mistura é couro. Se você for um aluno daqueles bem sortudos, terá uma chance remota de encontrar alguns fios de frango por lá.*

*Bom, temos que compreender. Nós temos um nutricionista, mas ele deve ser muito ocupado para reparar nessas besteirinhas. Afinal, milhares de pessoas encontram pedras durante seu almoço. O importante é que tem fruta!*

*É importante ressaltar que quando saem os bolsistas e, logo em seguida, somos nós, antes de entrarmos, o bolsista que fica na porta, fazendo a verificação dos nomes, entra e verifica se há alguma possibilidade de haver comida. Cruze os dedos e torça para ele não dizer: “Eu sinto muito, gente, mas acabou.”*

*Mas não tem problema... Já faz algum tempo que venho tentando fazer dieta mesmo, portanto eu agradeço ao Instituto por me ajudar tanto. Se não for por bem, então é por mal. Uma dica importante: é bom ter algumas economias em sua mochila, pois caso isso aconteça, pede aquele x-frango, aquele mesmo que citei lá em cima, e sai da dieta. Caso contrário, boa sorte, meu caro, o dia ainda não terminou.*

*Na cantina, também temos outras opções. Basta olhar para aquele cardápio na parede e escolher. Bom, 80% do cardápio não existe, mas sempre tem os salgados, esses nunca faltam. Dá até para brincar de pique-esconde com o recheio ou talvez apostar com o seu colega quem gasta mais guardanapos. Cuidado: o óleo escorrega pela mão! Mas vamos lá, coma e divirta-se!*

Nessa crônica, a autora também critica a refeição servida no almoço, fazendo referência às pedras encontradas no feijão. E, provavelmente para provocar o efeito de humor, exagera ao dizer que foi encontrada na comida uma família de lagartas. Critica a postura do nutricionista, que parece não se importar com esses detalhes. A alimentação servida na lanchonete da escola também é alvo de crítica, principalmente as coxinhas cujo óleo escorrega pela mão e dá para ensopar vários guardanapos. Aqui também vale dizer que isso é feito de forma bem humorada, ao sabor de uma conversa com o leitor. A ironia também se faz presente, como se pode observar neste trecho: “*Mas não tem*



*problema... Já faz algum tempo que venho tentando fazer dieta mesmo, portanto eu agradeço ao Instituto por me ajudar tanto. Se não for por bem, então é por mal.”*

Outra crônica que merece destaque pelo tom humorístico explorado pelo autor ao tratar do cotidiano do *Campus*, é a que reproduziremos a seguir.

### ***Meu querido IFRN***

*IFRN! O sonho e objetivo de vida de todos os estudantes do ensino fundamental. Ah! Como eu me lembro de como eu tinha vontade de passar nessa bodega! Quantos meses me preparei para esse inferno! Pois é, aqui estou eu, PASSEI! E, desde então, não sei o que são férias e curtidão. Como era bom ter vida social... Se você gosta e preserva a sua, não entre pro IFRN!*

*- Mas o que é isso, Taygor? O IF é muito bom, tem de tudo: teatro, esportes, comida de graça, muitos livros, educação foda...*

*Pois é, acho que esqueceram de avisar isso ao reitor, porque a única coisa que vejo é um depósito de tralhas que daqui a algumas décadas poderá vir a ser um auditório. Quando precisamos fazer peças e apresentações, temos que implorar algumas horas no teatro da cidade – o Poti Cavalcanti. Milson Santos, coitado, nosso professor de Português, já tá quase falindo de tanto bancar os custos das peças e apresentações, porque a escola não libera um real. Foi assim com *Morte e vida severina*, e *Édipo Rei*, duas grandes apresentações bastante elogiadas e aplaudidas, de pé, pelo grande público.*

*Também temos uma cantina com coxinhas que valem mais do que barras de ouro, mas se espremê-las na mão, o óleo cai no chão e a coxinha some. A biblioteca tem mais cadeiras do que livros. Na área de esportes, só funciona uma quadra, que mais parece um campo de areia de tão suja. A piscina, por muito tempo, foi depósito de mosquito. Sem falar dos vestiários, onde cai mais lagartixa do que água dos chuveiros.*

*Também não aguento mais essas piadinhas de cada curso.*

*- É de Informática? Humm... faz programa, bate xérox.*

*Cara, isso já perdeu a graça. Não é diferente com o pessoal de Edificações. Chamam os coitados de servente de pedreiro (rs) .... Ah, tá bom, esse sim é engraçado! (rs). Cansado disso tudo, chega o meio-dia. Vamos almoçar! Enfrentar aquela velha fila do Barriga Cheia, onde só almoça quem sabe furar fila, e finalmente ir à caça aos tesouros, parte mais divertida do dia. Porque reclamar de cabelo na comida é coisa do passado. Hoje, por exemplo, encontramos dentro do feijão: um pé de carrapicho, 2 paralelepípedos e uma família de lagartas.*

*E, depois dessa bela refeição, passo a tarde olhando pra cara de Milson no CA (Centro de Aprendizagem) e depois vou pra casa chorar, ou melhor, programar. Porque, sacomé né? Se eu não programar por aqui, em Songa City, vou terminar programando em Ponta Negra...*

Taygor Enrico

Podemos perceber que o autor também aponta, de modo crítico, alguns problemas da instituição de ensino na qual estuda: a falta de um auditório; a falta de apoio financeiro para os projetos do professor; a biblioteca, a quadra e a piscina, além de um problema recorrente em várias crônicas: a qualidade da refeição servida pela instituição e dos produtos vendidos na lanchonete da escola. Com vistas a provocar o efeito de humor, o autor exagera ao fazer referência ao que é encontrado dentro do feijão: “*um pé de carrapicho, 2 paralelepípedos e uma família de lagartas*”. O tom humorístico se faz sentir ainda quando ele se refere à rivalidade entre os cursos

Informática e Edificações. Como é estudante de Informática, alfineta o outro curso, afirmando que é engraçado tratar os alunos de Edificações como serventes de pedreiro. Ao final, utiliza a ambiguidade como recurso para provocar humor, ao falar em fazer programa – uma das atividades dos profissionais da área da Informática – e fazer programa sexual, no caso, no bairro de Ponta Negra, em Natal, muito conhecido como local em que esse tipo de programa é feito.

Em *Empório da testosterona*, o aluno Gerardo Neto faz uma crítica bem humorada ao comportamento dos próprios colegas, ao usarem o banheiro do Instituto. Vejamos alguns trechos:

*Muito frequentados, algumas vezes bem limpos, outras se assemelhando a um criadouro de porcos. Sim, estou falando deles, os banheiros do IFRN Campus São Gonçalo do Amarante. Particularmente do masculino, já que nunca tive a oportunidade de conhecer o feminino. [...]*

*Porém, com tanto vai e vem, esse acolhedor amigo de todas as horas, acaba tornando-se desagradável. Começando desde os papéis higiênicos jogados por todos os lados. Em alguns casos, já chegaram a colocar urina dentro do recipiente do detergente. Nessas horas fico me perguntando o que se passa na cabeça desse cidadão. Ou essa criatura está muito apertada, ou faz muito tempo que não tira o atraso e fica querendo meter em todo buraco que vê.*

*Alguns alunos parecem não ter ainda total controle sobre seu órgão, pois, ao usarem o mictório, não conseguem acertar uma gota de urina dentro dele. A esses, deveria ser dado pelo IFRN um curso gratuito de pontaria. [...]*

*Dentre os "jogos de banheiro" do IFRN de São Gonçalo, o mais praticado é o "batalha naval". Já deve se imaginar a situação: deixam aquela embarcação submersa, não têm nem a decência de utilizar a descarga, deixando assim nosso caro amigo com um odor insuportável. E é nessas horas que damos as costas a ele. E colocamos a culpa em quem? No coitado do faxineiro que está todos os dias limpando o que não é dele para manter a higiene que jogamos fora. Falta de respeito? Sim. De educação? Talvez. Mas, com certeza, de disciplina. É como dizem: "Costume de casa se leva à praça". Nesse caso, à escola.*

Para encerrar a análise das crônicas, apresentamos só mais uma (fragmentos), a fim de mostrar como a autora assimilou bem o estilo de produzir crônicas do autor Carlos Fialho. Trata-se da crônica *Quer ser bom? Morra ou se mude*, inspirada em um ditado popular aqui do Nordeste:

*Sabe aquele famoso ditado popular: "Só percebemos o valor da água depois que a fonte seca"? Pois bem, é exatamente ele que reina no Campus São Gonçalo do Amarante. Como bem se sabe, aluno nunca está satisfeito com o que tem. Quando falta, reclama; quando tem, mete o pau, esculacha, e deixa mais baixo que o chão. E com os profissionais da instituição não é muito diferente.*

*Nossa professora de Inglês era Priscila Seabra. Ela era muito boa, na verdade ensina muito bem, mas só agora! Porque antes muito alunos combinavam de só chegar no segundo bloco, principalmente nas sextas-feiras, quando as aulas eram nos primeiros horários. Hoje ouvimos dizer que suas aulas eram boas, devido à didática que ela utilizava, porém antes ouvíamos reclamações do tipo:*

*- Que porra é essa de The Little Prince? Essa frescura!*

*- E esses bonequinhos de bad student? Ela acha que somos crianças?*

*E assim vai! Pois é, aluno é bicho ruim. Antes a professora não prestava, mas depois que Luciana (a nova professora) chegou, a senhorita Seabra só não virou santa*

*porque ainda não morreu. Isso me parece muito com o que ocorre com os diversos cantores existentes por aí. Depois que morrem, você vê um filho da puta que nunca tinha ouvido falar sobre o mais novo defunto, comprando camisetas, posters, discografias completas e se auto intitulado o maior fã. Como Reginaldo Rossi, que partiu dessa para uma melhor recentemente. Em uma viagem para Pernambuco, passei esses dois dias seguidos em um tributo a ele, ouvindo sua música em cada esquina, e lendo na rede social que o show de fim de ano do Rei Roberto Carlos deveria ser trocado por uma gravação do Rei do Brega. [...]*

*Já disse e repito, aluno é bicho ruim, e não sabe o que quer. Hoje, todo mundo que já se foi, é o melhor do mundo, mas os que ainda não foram, tornam-se os piores. Tenho como exemplo os professores Milson Santos e Gilbran Andrade. Um é mais “peste” que o outro, como os discentes bem falam. E, se parar pra pensar, são eles que sempre estão na boca dos alunos. Mas se algum dia não estiverem mais conosco, aposto que haverá sempre alguém dizendo por aí:*

*- Ele era tão bom!*

Na crônica acima, a autora Vivyanne Moura trata do remanejamento dos professores do IFRN. O Instituto permite que os seus servidores mudem de *campus*, a fim de que eles trabalhem na cidade em que moram ou, pelo menos, nas suas proximidades. Assim, é comum a constante mudança de professores. Ela critica a falsa comoção de alguns alunos quando da partida desses professores. Antes, os mestres eram detestados. Quando mudam de *campus*, são endeusados. E o faz usando um tom extremamente crítico. No quinto parágrafo, chega a usar um termo aparentemente agressivo - *filho da puta* -, mas justificável por seguir o estilo do autor em estudo que, às vezes, também faz uso de termos menos monitorados, como a expressão *porra nenhuma* na crônica *O candidato que diz a verdade*.

#### **4. Considerações finais**

A análise acima mostra a viabilidade de um trabalho de leitura e produção textual na perspectiva dos gêneros textuais. As crônicas produzidas pelos autores-alunos não deixam a desejar a nenhum cronista profissional. As três etapas do projeto didático foram executadas: a leitura de vários exemplares do gênero, no estilo do autor Carlos Fialho, permitiu que os alunos pudessem apreender as características da crônica e do tom adotado por ele na sua produção.

Na fase de produção escrita, podemos perceber que eles empregaram os mesmos recursos linguísticos que o autor. A ironia e o humor estão sempre presentes, conforme pudemos atestar por meio das crônicas apresentadas na análise acima. O tom crítico adotado pelos autores provém, em grande parte, daí, ou seja, da ironia e do humor com que são tratados os temas do cotidiano do *Campus* São Gonçalo, que é, em muitos casos o cotidiano de outros *campi* do IFRN.

A terceira etapa também foi cumprida, pois os textos foram publicados no blogue criado pela turma e lidos não só pelo professor da disciplina Língua Portuguesa, mas também pelos colegas, pelos familiares, pelos outros professores e demais servidores do Instituto, além de internautas em geral que acessaram e acessam o blogue. Além disso, foi organizado um livro, conforme estava previsto desde a apresentação do projeto aos alunos, no início do terceiro bimestre letivo, e está na editora do IFRN, aguardando publicação. O livro tem como título *A roda da mudança e outras crônicas do Campus*.

Ao afirmarmos que as crônicas produzidas pelos alunos seguem o estilo do escritor em estudo, não estamos afirmando sozinhos, mas com respaldo do próprio cronista, que esteve no *Campus* e pôde ver e ouvir os alunos lendo os textos deles para que, em seguida, ele comentasse. Na ocasião, afirmou que aquelas crônicas realmente em muito se assemelhavam às suas. Posteriormente, deixou isso registrado em seu blogue: <http://blogdofialho.wordpress.com>.

Inicialmente, os alunos manifestaram preocupação e dificuldade em criar o efeito de humor e fazer uso da ironia. No projeto didático, porém, criamos um módulo para tentar sanar essas dificuldades. Além disso, os textos passaram por várias reescritas, com colaboração dos colegas e do professor, até chegar à versão final.

Este trabalho, portanto, apresenta-se como mais uma possibilidade para o uso do texto e dos gêneros textuais em sala de aula, a fim de proporcionar aos estudantes oportunidades de leitura e produção escrita, visando, assim, a contribuir cada vez mais para a sua inserção no mundo da linguagem, com a qual lidamos e por meio da qual interagimos diariamente.

## 5. Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- D'ONOFRIO, S. **Teoria do texto I: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2005.
- FIALHO, Carlos. **Mano Celso: o rapper natalense**. Natal: Editora Jovens Escribas, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Não basta ser playboy. Tem que ser DJ**. Natal: Editora Jovens Escribas, 2013.
- \_\_\_\_\_. **As maiores mentiras do verão**. Natal: Editora Jovens Escribas, 2013.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. (org.). Projetos pedagógicos para produção escrita nas aulas de língua portuguesa. In: SILVA, E. R. da; LOPES-ROSSI, M. A. G. (org.) **Caminhos para a construção da prática docente**: Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.p. 93-117.
- \_\_\_\_\_. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção escrita. In: KARWOSKI, A. M. , GAYDECZKA, B., BRITO, K. S.(org.) **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 73-84.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. ; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.(org.) **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária – prosa II**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- SANTOS, J. M. **O gênero crônica na sala de aula do ensino médio**, 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SIMON, L.C.S. **Impasses em torno da crônica**. Anais do IV Congresso de Letras da UERJ - São Gonçalo. São Gonçalo, 2007. Disponível <http://www.filologia.org.br>. Acesso em 24 mai 2008.